

Revista Círculo

Relax
Aprenda a Respirar
+ Garimpando Zen

Região
Alphaville Granja Viana

Especial Educação

+

Guia de Escolas

Lorena
Catábria

Uma experiência com o relógio em
lugar de compasso de relógio

On Line! Aproveite o dia das crianças com receitas educativas.

URBANO

por Sérgio Pompéia

Próximo colunista • Novembro - Ozair Lessa

Começar de novo: A cidade crescendo onde já cresceu um dia

por Jayme Serva, publicitário, é diretor da Editora Neotrópica.

Uma eventualidade profissional acabou levando o titular desta coluna a uma região do país em que expansão urbana ainda é assunto distante. Tão distante que o impediu de mandar o esperado texto deste mês, cujo tema central seria justamente expansão urbana. Sorte minha, que ganhei do Sérgio Pompéia e dos generosos editores da Revista Circuito a oportunidade de falar um pouco sobre o tema.

Só para lembrar, esta coluna tratou, da última vez, do fenômeno da conurbação, que é a diluição, pelo crescimento, das divisas entre cidades vizinhas. Núcleos urbanos autônomos e bem definidos passam a se aglutinar, pelo crescimento, e viram uma única região urbana, normalmente identificada pela cidade maior e mais central – a metrópole, do grego cidademãe, cidade-matriz.

São Paulo é a metrópole à qual se fundiram, só para falar do século 20, Santo Amaro (esta institucionalmente perdendo sua autonomia), São Caetano, Santo André, São Bernardo do Campo, Osasco, Diadema, Perus, Barueri e mais algumas dezenas de cidades. Outras estão chegando, como Santana do Parnaíba, Cotia, Caieiras.

A nossa futurologia básica diz: daqui a pouco, tudo vai se juntar numa enorme cidade, uma megalópole que não mais distinguirá divisas. Não é bem assim. O que o crescimento de cidades como São Paulo tem mostrado é que a expansão não está necessariamente ligada a fatores como o aumento da população ou o aumento da demanda por estações de trabalho. Se fosse assim, veríamos um aumento homogêneo da ocupação dos espaços urbanos, dos centros para as áreas contíguas.

“...vemos uma onda de crescimento que implica a ocupação de uma nova área em detrimento da ocupação de áreas anteriormente utilizadas. Hoje, a desocupação da área central da cidade (composta dos distritos de Bom Retiro, Brás, Cambuci, Consolação, Liberdade, Pari, República, Santa Cecília e Sé) passa dos 50% das unidades disponíveis...”

O crescimento baseado no modelo da cidade industrial, em que cidades-dormitório servem como “depósito” de mão de obra, e é em direção a elas que o espaço urbano predominantemente se expande, com as regiões centrais trazendo comércio, serviços e habitação das classes média e alta, já não mais caracteriza o que se passa na metrópole do século 21. A própria lógica migratória que fazia com que a Grande São Paulo crescesse incessantemente parece ter se alterado. A população da região metropolitana tem crescido menos a cada ano.

No entanto, o que se vê é a transformação de bairros inteiros em centros comerciais e de serviços, com novos prédios de escritórios sendo construídos e postos à venda. Enquanto isso, assistimos a uma progressiva desocupação das áreas mais centrais da cidade, apesar de toda a infraestrutura de que dispõem. Ou seja, vemos uma onda de crescimento que implica a ocupação de uma nova área em detrimento da ocupação de áreas anteriormente utilizadas. Hoje, a desocupação da área central da cidade (composta dos distritos de Bom Retiro, Brás, Cambuci, Consolação, Liberdade, Pari, República, Santa Cecília e Sé) passa dos 50% das unidades disponíveis, segundo estudo do arquiteto José Armênio de Britto Cruz, publicado no site Arch+ (www.archplus.com.de).

É evidente que essa lógica não passa pelos bons princípios do planejamento urbano. Além disso, implica perda real de recursos. Segundo cálculo de Britto Cruz, no mesmo estudo, “seria como se 93.000 unidades habitacionais estivessem tido sua obra iniciada e interrompida no estágio de pelo menos 50% da execução. Se considerarmos o custo médio de R\$ 40 mil por unidade, isso dimensionaria um custo de R\$ 1,86 bilhão aplicados e não utilizados”.

“...a expansão de cidades como São Paulo não está necessariamente ligada a fatores como o aumento da população ou o aumento da demanda por estações de trabalho...”

Considerando que São Paulo tem um déficit habitacional de 1,5 milhão de moradias, só a reocupação das unidades não utilizadas nos nove distritos estudados já forneceria à cidade 7% do que ela necessita para prover habitação digna a todos os cidadãos, atendendo a algo próximo de 320 mil pessoas. Se considerarmos que o mesmo fenômeno ocorre também, e em proporções diferentes, nos bairros do chamado Centro Expandido, fica evidente que esses números aumentam. É preciso, pois, olhar com atenção a ideia de reocupar a cidade.

Crescendo de novo onde um dia já foi plenamente ocupada, São Paulo poderá não apenas aproveitar a infraestrutura que está lá, subutilizada, rentabilizando um esforço econômico considerável do estado, como também permitirá uma reconciliação da população com sua própria história. Afinal, é no centro de uma cidade que mora sua memória.

Como fazer essa viagem de volta ao Centro, esse “re-crescer”? As ideias são muitas, mas todas deverão passar por uma ação coordenada do estado com a sociedade, no sentido de propiciar não só moradia, como também o retorno do comércio e dos serviços, que foram embora junto com a população e as empresas.

Sérgio Pompéia é Engenheiro Agrônomo e Doutor em Ciências pela USP, atuou na Prefeitura de São Paulo e CETESB. Atualmente é Diretor da CPEA - Consultoria Paulista de Estudos Ambientais.
